

EBVROBRIGA

História . Arqueologia . Património . Museologia

Revista do Museu Arqueológico Municipal
José Monteiro
do Fundão

2013 / 2014

Ficha técnica

Director:

Paulo Fernandes

Presidente da Câmara Municipal do Fundão

Coordenador redactorial:

J. Mendes Rosa

Director do Museu Arqueológico Municipal do Fundão

Secretariado da redacção: Joana Bizarro,

Rute Campanha, José Paulo Duarte.

Propriedade: Museu Arqueológico Municipal

do Fundão | Município do Fundão

Conselho editorial: Adriano Vasco Rodrigues, Amílcar Guerra, Ana Mercedes Stoffel, António Martinho Batista, António Nabais, Armando Coelho Ferreira da Silva, Enrique Ariño Gil, Fernando Patrício Curado, Francisco Faure, Henrique Coutinho Gouveia, Hugues de Varine, Jesús Liz Giral, Jesué Pinharanda Gomes, João Mendes Rosa, João Nuno Marques, João Trigueiros, Joaquim Candeias da Silva, Joaquim Veríssimo Serrão, Jorge Alarcão, José Branquinho de Carvalho, José Cardim Ribeiro, José d'Encarnação, José Santolaya Silva, Julián Bécares, Luís Raposo, Manuel Poças das Neves, Maria Carmen Sevillano San José, Maria Cruces Blázquez, Maria Paz García Bellido, Mário Moutinho, Marcos Osório, Martín Almagro Gorbea, Miguel Garcia Figuerola, Paulo Fernandes, Pedro Carvalho, Raquel Vilaça, Socorro Lopez Plaza, Trinidad Nogales Basarrate.

Concepção gráfica original:

Cláudia Saraiva | J. Mendes Rosa

Design gráfico e paginação: Museu Arqueológico Municipal do Fundão | Câmara Municipal do Fundão

Impressão: Grafisete – Artes Gráficas, Lda.

ISSN: 1645-9687

Depósito Legal: 255163/07

Periodicidade: Anual

Edição: N.º8

Pedido de exemplares e correspondência relativos a colaboração e

permuta devem ser dirigidos a:

Revista Eburóbriga – Museu Arqueológico Municipal José Monteiro

Rua do Serrão, n.º 13-15 • 6230-418 Fundão

Tel: 275 774 581 | Fax: 275 774 583

geral@museuarqueologicofundao.com

Solicita-se permuta / On demand l'échange

Man bitten um austausch / Exchange requested

Índice

Aida Rechena Museus para o século XXI - Contribuições para uma reflexão	5
Ana Mercedes Stoffel Sociomuseologia, Museus e Comunidade O OBSERVATÓRIO MUSEU/ESCOLA UM TRABALHO DE COLABORAÇÃO E PARTILHA	13
António Maia Nabais Musealização e desenvolvimento económico	23
Arsenio Dacosta Un proyecto museístico frustrado en la Salamanca de principios del siglo XX: el Museo Etnográfico de Indumentaria	31
Joaquim Candeias da Silva FUNDÃO MEDIEVAL (séculos XIII-XIV) Mais um contributo para o estudo das raízes medievais do actual território fundanense	41
Raquel Vilaça e João Mendes Rosa Depósito metálico na Ribeira da Gardunha, Castelejo, Fundão	61
João Trigueiros CASA DO ADRO - Capinha, Fundão Representação Heráldica de João Pais do Sabugal Idade Média (Século XIII)	73
João Mendes Rosa e Joana Bizarro Arqueologia do Concelho do Fundão Contributos para a Carta Arqueológica	91
José d'Encarnação Radiografia de uma cidade lusitana - Capera	109
Marcos Osório Pesos de tear com grafitos provenientes do sítio da raposa (Peroviseu)	117
Salete da Ponte e Rui Ferreira Sinagoga e Judaria de Tomar (Séc. XV): um microcosmos cultural	127

RADIOGRAFIA DE UMA CIDADE LUSITANA – CAPERA

José d'Encarnação

CEAUCP - COIMBRA

No âmbito da província romana da Lusitânia, *Conimbriga* constituiu, não há dúvida, a 'pedrada no charco', com excepção da capital, *Emerita Augusta*, natural beneficiária de uma riquíssima panóplia de publicações. Na realidade, conhecida desde longa data, alvo de escavações circunstanciais e não publicadas¹, *Conimbriga* teve, porém, no quadro da cooperação luso-francesa, doze campanhas que, levadas a cabo entre 1964 e 1971, vieram permitir a elaboração de sete preciosos volumes temáticos sob a designação genérica de *Fouilles de Conimbriga*, a abordar a totalidade dos aspectos susceptíveis de interessar os arqueólogos e historiadores da Antiguidade.

Para além desses textos científicos, dois outros merecem referência porque, destinados ao grande público, acabam por tornar aliciante a possibilidade de se fazer reviver uma cidade: o primeiro, integrado na série de monografias de iniciativa institucional (Alarcão *et alii* 1992); o segundo, em que à arte de bem escrever se aliou o 'saber de experiências feito' (Alarcão 1999).

Uma cidade do Sul também se poderá apontar como exemplo: *Balsa*, sita nos arredores da moderna Tavira, de estruturas ainda por pôr a descoberto, dado que boa parte delas se encontram em propriedade privada e outra terá sido destruída pelo avanço das urbanizações. De facto, os materiais de cerâmica e vidro guardados no Museu Nacional de Arqueologia e provenientes de antigas escavações, nomeadamente da iniciativa de Estácio da Veiga², foram cuidadosamente estudados por Jeannette Nolen (1994); uma exposição nesse mesmo museu permitiu a elaboração do respectivo catálogo (Maia 2003), excelente síntese do que se conhece da cidade; um dos elementos que integra o Campo Arqueológico de Tavira, Luís Fraga da Silva, tem desenvolvido intensa actividade, que pode consultar-se não apenas na página do Campo Arqueológico – <http://www.arkeotavira.com/> –, como no livro que publicou (2005). Por seu turno,

1 Recorde-se que ainda recentemente Jorge de Alarcão (2010) deu à estampa os resultados de antigas campanhas (ver também <http://hdl.handle.net/10316/20146>) e os mosaicos da Casa dos Repuxos só em 1992 foram exaustivamente estudados por Bairrão Oleiro.

2 Caberia à sua bisneta, Maria Luísa Estácio da Veiga, fazer a primeira grande síntese e catálogo acerca desses achados: Santos 1971, 219-280.

Catarina Viegas acabaria por fazer sobre os materiais de *terra sigillata* a sua tese de doutoramento (2006)³.

Sirvam estas reflexões de introdução a breve apontamento sobre *Capera*, importante cidade lusitana, sita na Extremadura espanhola, a que recentemente se dedicaram inúmeros estudos (a sua epigrafia é bem conhecida!), entre os quais nos apraz referir dois, da autoria de Jaime Rio-Miranda Alcón.

1 | *MUNICIPIUM FLAVIUM CAPARENSE*: OS MONUMENTOS E AS GENTES

Data o primeiro de 2010⁴ e o segundo, dedicado especialmente à cerâmica, de 2012⁵. Promete, porém, o autor continuar a série com «diversos estudios monográficos», na intenção de que a cidade não venha a converter-se «en un conjunto de ruínas», quando estamos perante o «yacimiento histórico más significativo de la provincia de Cáceres» e há que conceder-lhe «el merecimiento cultural que se merece», escreve a historiadora María Gabriela Iglésias Domínguez, no prólogo ao primeiro volume. Aliás, depois de sublinhar a importância fundamental dos trabalhos de campo neste tipo de investigação, Gabriela Iglésias formula o voto de que, desta sorte, se «satisfaga, en parte, el ansia de aprendizaje del futuro investigador y la curiosidad del aficionado».

Na introdução, como é de hábito, caracteriza-se o sítio do ponto de vista geográfico: geomorfologia, hidrografia, climatologia, recursos naturais... Não se comete, porém, o erro de descrever a realidade actual, como se não houvera sofrido alterações ao longo de milénios e os processos de exploração dos recursos obedecessem antanho às regras da época nossa contemporânea. Preferiu o autor – e bem! – veicular as informações dos escritores antigos (Estrabão, Plínio, Ptolomeu...), dando conta, por exemplo, das mais de 20 *villae* identificadas derredor, adiantando que poderiam ter sido trabalhadas por colonos, na dependência dos proprietários que, a princípio, residiriam sobretudo na urbe, mas que, paulatinamente e, de modo especial a partir do século III, nelas teriam fixado a sua residência principal (p. 19).

Situada numa zona de fronteira entre Vetões e Lusitanos, *Capera* é, por isso, citada, umas vezes como sendo de uns, outras de outros, mormente antes da criação, por Augusto, da província da Lusitânia, em que ficou incluída, não estando, todavia, documentada a existência de um aglomerado populacional indígena, pois que inclusive é mui escassa a presença de cerâmica campaniense no local (p. 24). A cidade terá nascido, por conseguinte, em função da excelência do sítio, como encruzilhada de caminhos, nas margens do rio Ambroz, usufruindo de grandes extensões de

3 Cumprer registrar-se que Maria Luísa Estácio da Veiga Affonso dos Santos da Silva Pereira chegou a ter adiantada a elaboração da dissertação de doutoramento que se propusera defender sobre o território da *civitas*; vários contratempus impediram-na de a completar; no entanto, essa sempre foi a cidade romana de sua preferência (1990).

4 La Ciudad Romana de Cáparra – Municipium Flavium Caparense, Ulzama Ediciones, Arre, 2010. ISBN: 978-84-92870-08-0. 337 páginas, ilustradas.

5 La Ciudad Romana de Cáparra – La Cerámica, Ulzama Ediciones, Arre, 2012. ISBN: 978-84-92870-76-9. 278 páginas, ilustradas.

terras de sementeira e para pastio, assim como de férteis veigas propícias ao cultivo dos produtos hortícolas de consumo quotidiano (p. 25).

Datam de finais da década de 20 do século passado as primeiras campanhas de escavação do sítio; José María Blázquez dirigiria, nos anos 60, três campanhas, cujos resultados publicou. Sob os auspícios da Universidad de Extremadura concebe-se, em 1985, o «Proyecto Cáparra», cuja execução se prolonga até 1997. O «Proyecto Alba Plata», datado já de 2001, visa a construção de um centro de interpretação e são, nesse âmbito, levadas a efeito significativas escavações, para melhor se entender a estrutura cidadina. Essa, a temática abordada no capítulo «Historia de las investigaciones de Cáparra Romana» (p. 25-37).

Numa linguagem simples e sempre acompanhada de ilustrações esclarecedoras, o autor percorre depois a cidade nos seus diversos pontos de referência: o foro, os templos, a basílica, a cúria, as termas, a estrutura viária (*kardo e decumanus*), as casas, o anfiteatro e as muralhas (p. 37-63).

Focam-se aspectos da vida quotidiana, em que se abordam, de facto, esses aspectos, nomeadamente no que respeita à alimentação e à economia (os artesãos, os mineiros), com especial relevo ao que se determinou no chamado «édito dos preços» do imperador Diocleciano, no ano de 301, com os denários aqui ‘convertidos’ em euros para que melhor se entenda o seu significado!... No entanto, é nesse mesmo capítulo que se dá conta do que foi a evolução histórico-económica da cidade até mesmo ao período dito visigótico. E será, decerto, neste capítulo que mais se sente alguma deficiência na maquetização do volume, para melhor se ajustar ao que se apresenta no índice geral. Por outro lado, «invasões», «época visigoda», «território de influência» são temas que melhor se ajustariam num capítulo sobre a evolução histórica do sítio, quiçá a ser tratada mesmo antes de se descrever a estrutura urbana e os seus edifícios.

O capítulo seguinte, «Costumbres funerarios de los Romanos», deu azo a falar de «personajes notables de la ciudad» e das práticas funerárias, com a ideologia que lhes está subjacente. Creio que não teria quedado pior se essa temática houvesse sido integrada precisamente na vida quotidiana, como preâmbulo ao que é, no fundo, um objectivo maior do volume: dar a conhecer o *corpus* das 210 inscrições (ilustrado sempre que possível com a fotografia do monumento em estudo e organizado segundo um critério geográfico) e o catálogo numismático (de 204 numismas, também ilustrados com fotos do numisma, anverso e reverso e, até, por vezes, a efigie do imperador em causa e apresentados cronologicamente, com bibliografia autónoma no final).

E se este catálogo permite tecer considerações acerca da circulação monetária (p. 331-332) e, até, delinear conclusões genéricas de teor histórico, seria de esperar que o *corpus* epigráfico proporcionasse uma panorâmica sociocultural das gentes que viveram na Cápara romana (por exemplo, as informações gerais sobre a idade com que ali se morria aparecem timidamente nas p. 275-276...). De facto, há títulos como «divinidades indígenas» ou «las asociaciones funeraticias» que fariam supor tal panorâmica; contudo, esses títulos – como nos indica a maquetização do índice – incluem-se no capítulo «onomástica», que ocupa, afinal, as p. 277-284, em que se apresenta o rol

dos nomes atestados nas epígrafes estudadas, com brevíssima informação sobre cada um deles; e é depois que vem o índice dos *nomina* (p. 284-285), dos *cognomina* (p. 285-288), assim como dos testemunhos de nomes indeterminados, das tribos registadas (três vezes a *Galeria*, duas a *Quirina* e uma a *Papiria*), da menção da *origo* (notável o número de clunienses, 10, a confirmar a sua tendência migratória, outras vezes documentada e a que, de resto, o autor se refere nas p. 215-216), das divindades (a permitir breves reflexões sobre as características da religião romana), enfim, dos temas habituais em índices epigráficos. Ou seja, terá faltado, neste contexto, alguma orientação gráfica e metodológica, a fim de facilitar a transmissão da mensagem.

Do *corpus* epigráfico, peguemos, a título de exemplo, no nº 52 (p. 148-149), cupa a que falta uma porção do lado direito, dedicada a *Valeria* mui provavelmente pelo marido, *Arruntius Paederos*. Convirá esclarecer: que, em latim e no singular, se escreve *cupa* (e não *cupae*); que *Paederos* é um *cognomen* (e não ‘cognómina’, palavra que, grafada em itálico e sem acento, seria o plural de *cognomen*); e de que não há «só este testemunho documentado», porque, escrito assim, não se compreende que se está a fazer referência à sua eventual documentação na Península Ibérica, porquanto há dele exemplos em Roma (aliás, cita-se, a esse propósito, o livro de Solin). *Valeria* não é um *cognomen*, mas sim um *nomen*; e a afirmação de que é antropónimo «derivado de gentílicos» colhida na pág. 165 de Kajanto é ‘colheita’ errónea, porque aí o nome de que se fala é *Valerio*, *-onis*, esse sim um *cognomen*. Não são dadas as variantes de leitura e de interpretação desta epígrafe e muitas são, em relação ao que ora se apresenta.

Aproveite-se o ensejo para referir que, no que diz respeito à bibliografia da epígrafe, se observa também larga imprecisão, passível de ter sido reparada, caso tivesse havido maior atenção e cuidado na revisão do texto. Assim, CPIL dificilmente se identificará com a obra de Hurtado de San Antonio (Ricardo), que, de resto, costuma identificar-se pelas siglas CPILC. Alude-se à «tesis de licenciatura, inédita», de Haba Quirós, «Cáceres 1986»; mas não se indica o título nem aí nem na bibliografia (p. 299). IRB VI não se sabe o que é, pois estas siglas não constam. Indica-se HEp 2 – e na bibliografia só vem referência aos volumes 1 e 8. Cita-se Mayer, M – que também não está. Aliás, nessa p. 299, onde tentei encontrar Mayer, vi a citação, em duas linhas, «LE ROUX, P. / 1982 L’Armée 87»: por aí será bem difícil chegar à obra em causa (que incluo na bibliografia final desta nota).

No que concerne às divindades, merecem relevo as *Nymphae Caparenses*, a que são atribuídas as virtudes terapêuticas das águas termais de Baños de Montemayor. Mas, no âmbito religioso, chamaram-me também particular atenção as inscrições funerárias dedicadas por *Vicinia*: *Vicinia Cluniensium* (nº 136), *Vicinia Caparensium* (nº 56), *ex impensa funeris vicinia* (nº 195). Estou inclinado, como Joaquín Gómez-Pantoja (HEp 9 1999 251), a ver nestas expressões o plural de *vicinium*, «vizinho», dando-lhes, pois, o significado ‘corporativo’, ou seja, de comunidade que se forma (ou existe) como colégio funerário. O facto de, no nº 149 (= CIL II 806), nos surgir uma dedicatória à deusa *Salus* feita por *Vicinia Caparensis*, com o epíteto locativo no singular, não se me afigura óbice para que, também aqui, tomando o substantivo

colectivo como singular, se encare com facilidade a interpretação de «vizinhos» que se unem para um acto devoto. Já no nº 180, em que à palavra *vicinia* se juntam os adjectivos *Pia* e *Felixs* [sic], a dúvida poderia surgir, ainda que o autor a não ponha (p. 245), e não aduza outros argumentos para além da existência das outras três epígrafes em que parece não se dever entender doutra forma. Também estou de acordo: primeiro, porque estes adjectivos são solenes e usam-se, por exemplo, para louvar os imperadores ou as legiões; depois, porque o vocábulo *cura* deve interpretar-se como tal e não como abreviatura de *curavit* (corrigiu bem Gómez-Pantoja), isto é, um ablativo a significar que a comunidade pagou a despesa (*de suo*), mas foi a mulher, *Procula*, que tomou a seu cargo a concretização do acordado.

2 | A CERÂMICA

É Victoria Rodrigo López quem assina o prólogo do livro sobre a cerâmica romana de Cápara. Depois de afirmar ser esta a especialidade de Jaime Rio-Miranda Alcón, a que apaixonadamente se tem dedicado nos últimos anos, assevera não estarmos perante um mero catálogo, porque – para além das descrições de cada peça, dos desenhos, estatísticas e gráficos – houve todo um cuidado em integrar as várias tipologias no que delas se sabe a nível do Império Romano, o que torna este estudo «de gran valor didáctico y referente para completar lo que ya conocemos sobre Cáparra» (p. 12).

Na verdade, procurou o autor tudo explicar, exemplificar e mostrar com apropriados desenhos as tipologias, os motivos decorativos... Trabalho minucioso e paciente.

O facto de ter havido diversas campanhas de escavações levou Jaime Rio-Miranda a fazer o estudo especificando, por exemplo, com gráficos estatísticos, o que foi encontrado em cada uma delas; mas, aqui, a leitura do índice constitui guia imprescindível para melhor nos orientarmos quando queremos – como será amiúde o caso – usar o livro como obra de consulta, com a finalidade de se descobrirem termos de comparação e se verificarem identidades ou divergências.

E os capítulos indexados são (transcrevo *ipsis verbis*): cerâmica campaniense, cerâmica sigillata, sigillata itálica-aretina, formas documentadas de sigillata itálica, producciones de sigillata sud-gálica, producciones de sigillata hispánica, materiales de superficie 1979-1985, proyecto Cáparra campañas 1990-1992, cronología de la sigillata hispánica, descripción de la sigillata hispánica 1979-1985, formas decoradas sigillata hispánica, sigillatas hispánicas tardías, sigillatas claras, paredes finas, horno junto ao Río Ambroz, cerámicas comunes, cerámicas de tradición indígena pintada, lucernas, coroplastia, bibliografía.

Uma primeira nota: a impressão com que se fica perante esta simples enumeração dos capítulos, que não estão numerados e apenas se distinguem por virem grafados em maiúsculas e a negro, é a de que não está bem clara a lógica da estruturação escolhida. A segunda: mais uma vez se sente a falta de alguém com conhecimentos de artes gráficas, para melhor distinguir as partes entre si, de modo a que seja agilizada a consulta.

Exemplifico com um ‘capítulo’, mais ou menos tirado à sorte: o das

sigillatas hispánicas tardias. É um capítulo e começa no final da página 144, com um parágrafo de cinco linhas e as duas primeiras do seguinte, que termina na p. 145. Os três primeiros parágrafos servem de introdução, sintetizando o terceiro o que se identificou: 27 fragmentos, em que predomina a forma Drag. 37, nas suas variantes **a** e **b**, tendo como decoração principal círculos justapostos e oblíquos, complementados com espigas e lúnulas, entre outros, dentro ou fora dos círculos, assim como motivos cruciformes (p. 145). O subcapítulo «sigillata tardia 1979-1985» contém a descrição, com foto e desenho, de 6 fragmentos (p. 145-147), a que se segue o respectivo gráfico de barras referente não a 27, como seria de esperar, mas a 30 fragmentos. O «subcapítulo» intitulado «Estadística y porcentaje formas de T. S. H. Tardía 1979-1985» é, apenas, uma tabela, ao fundo da p. 147. No «subcapítulo» seguinte, «Sigillata tardía 1990-1992», começa-se por afirmar que, do total de 85 fragmentos identificados, podem formar-se três grupos (de 67, 15 e 3 fragmentos, respectivamente), tendo em conta as características das pastas, grupos que estão apresentados na página seguinte na tabela do número de formas em cada grupo; e essa página completa-se com um gráfico de barras que mostra as produções. A pág. 150 é totalmente preenchida por mais um gráfico de barras intitulado «Estadísticas y totales de Sigillata Hispánica de Cáparra» (total por campanhas), seguido, na pág. 151, por um outro do total de formas. O capítulo termina na metade superior da pág. 152 com o gráfico da percentagem de oficinas produtoras de terra sigillata localizadas em Cáparra. Não se especifica, de facto, se se está a fazer referência a sigillatas tardias, mas é de supor que sim. Por conseguinte, a sensação com que se fica com este exemplo é a de que houve, na verdade, um trabalho ingente, perceptível, quiçá, para especialistas, mas de apresentação metodologicamente pouco eficaz.

A bibliografia ocupa as p. 276-278 e padece da mesma falta de revisão que já se apontava para o volume anterior: erros ortográficos, lapsos de pontuação, dados incompletos. O título do livro, já clássico, de Françoise Mayet, sobre as sigillatas hispánicas vem mal citado e o seu editor é identificado assim: “.Publications du centre Pierre.1984.París”. A referência bibliográfica seguinte é: «**Mayet, F.** Marques de Potiers.195. París». Sendo esse o artigo mencionado na nota 206 (p. 141), a referência correcta seria: **Mayet, Françoise**, “Marques de potiers sur sigillée hispanique à Conímbriga”, *Conímbriga*, XII, 1973, p. 5-65.

São, afinal de contas, lapsos resultantes do intenso labor levado a efeito, sempre com exíguos meios ao dispor, escassez de colaboradores, alguma inexperiência também – que pouco a pouco, estou certo, se desvanecerá para dar frutos ainda mais suculentos.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO (Adília Moutinho), MAYET (Françoise) e NOLEN (Jeannette), Ruínas de Conimbriga, [Roteiros da Arqueologia Portuguesa, 2], Instituto Português de Museus, Lisboa, 1992.

ALARCÃO (Jorge de), Conimbriga, o Chão Escutado, Círculo de Leitores, Rio de Mouro, 1999. [Vide recensão em: *Al-madan*, 9 (Outubro 2000), p. 188-189].

ALARCÃO (Jorge de), As Casas da Zona B de Conimbriga, CEAUCP, Coimbra, 2010. [Recensão em: <http://hdl.handle.net/10316/20146>].

CIL II = Hübner (Emílio), *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, Academia das Ciências de Berlim, 1869.

Fouilles de Conimbriga: I* e I** - ALARCÃO (Jorge) e ÉTIENNE (Robert), *L'Architecture*, Diffusion De Boccard, Paris, 1977; II - ÉTIENNE (Robert), FABRE (Georges) e LÉVÊQUE (Pierre et Monique), *Épigraphie et Sculpture*, 1976; III - PEREIRA (Isabel), BOST (Jean-Pierre) e HIERNARD (Jean), *Les Monnaies*, 1974; IV - DELGADO (Manuela), MAYET (Françoise) e ALARCÃO (Adília Moutinho), *Les Sigillées*, 1975; V - ALARCÃO (Jorge), *La Céramique Commune Locale et Régionale*, 1975; VI - ALARCÃO (Jorge) et alii, *Céramiques Diverses et Verres*, 1976; VII - ALARCÃO (Jorge) et alii, *Trouvailles Diverses, Conclusions Générales*, 1979.

GÓMEZ-PANTOJA (Joaquín), «Historia de dos ciudades: Capera e Clunia», in GORGES (Jean-Gérard) e GERMÁN RÓDRÍGUEZ (Francisco) [edit.], *Économie et Territoire en Lusitanie Romaine*, Casa de Velázquez, Madrid, 1999, p. 91-108.

HEp = *Hispania Epigraphica*, Universidad Complutense, Madrid.

HURTADO DE SAN ANTONIO (Ricardo), *Corpus Provincial de Inscripciones Latinas (Cáceres)* (=CPILC). Cáceres, 1977.

KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.).

LE ROUX (Patrick), *L'Armée Romaine et l'Organisation des Provinces Ibériques d'Auguste à l'Invasion de 404*, Paris, 1982.

MAIA (Maria) et alii [coord.], *Tavira - Território e Poder*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2003.

MAYET (Françoise), *Les Céramiques Sigillées Hispaniques: Contribution à l'Histoire Économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire Romain*, Diffusion de Boccard, Paris, 1984.

NOLEN (Jeannette U. Smit), *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares - Balsa*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1994.

OLEIRO (João Manuel Bairrão), *Conimbriga - Casa dos Repuxos*, Museu Monográfico de Conimbriga, Conímbriga, 1992.

PEREIRA (Maria Luísa V. S.), «Instrumentos cirúrgicos de Balsa (Quinta de Torre de Ares)», *Conimbriga* 29 1990 107-127.

SANTOS (Maria Luísa E. V. A. dos), *Arqueologia Romana do Algarve*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, I, 1971; II, 1972.

SILVA (Luís Fraga da), *Balsa, Cidade Perdida? Campo Arqueológico e Câmara Municipal de Tavira*, Maio de 2007. Acessível também em: <http://www.arqueotavira.com/balsa/> [Recensão em: <http://hdl.handle.net/10316/12958>].

Solin (Heikki), *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, 1, Berlin-Nova Iorque 1982.

VIEGAS (Catarina), *A Cidade Romana de Balsa (Torre de Ares - Tavira): (1) A terra sigillata*, Câmara Municipal de Tavira, 2006.